

Entrevista
Chico de Oliveira
por Marcos Cripa

FHC FAZ GOVERNO CONSERVADOR E DESASTROSO

Fotos: Ronaldo Entler



Um dos primeiros intelectuais a aderir às propostas do Partido dos Trabalhadores e amigo de Fernando Henrique Cardoso à época em que o atual presidente do Brasil freqüentava o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), o economista e sociólogo da USP Francisco de Oliveira já foi acusado de jogar na ponta direita do partido e de se confundir com o PSDB. Um ano e meio após a posse de Fernando Henrique, ele tece severas críticas ao “ex-amigo” e compara o governo FHC ao dos militares. “Ele não está matando ninguém do ponto de vista físico, mas a discussão, o dissenso, aqueles que divergem. Está matando mentalmente este país. Isto é um crime tão miserável quanto a morte física”, afirma Chico de Oliveira.

Adusp - Qual a análise do governo Fernando Henrique nesse ano e meio de governo?

Chico de Oliveira - É sempre difícil fazer uma análise do governo Fernando Henrique já que fui colega dele durante doze anos no Cebrap, de 70 a 82, quando ele passou a militar na política. Nossas relações são muito tênues e devo dizer que, hoje, elas ainda existem. Eu, no entanto, não me considero mais entre aqueles que são amigos do presidente. Há mais de um ano escrevi um artigo para a *Revista do Cebrap* tentando prever o que o governo Fernando Henrique poderia significar. A minha previsão, não no sentido que as cartomantes fazem, mas com o auxílio da ciência social, era de que seria um governo desastroso para o país. Desastroso porque o plano em que o governo se baseava era um desastre. Na verdade o Plano Real reduziu as taxas de inflação, mas mesmo assim é um desastre, já que se baseia pura e simplesmente no fato de que o Brasil abdicou de ter uma moeda nacional. Isto significa que, quando o Estado nacional abdica de ter uma moeda, o que desaparece é o Estado nacional. Isso explica boa parte das dificuldades que o governo FHC enfrenta.

Adusp - Quais dificuldades?

Chico de Oliveira - Ele não consegue fazer uma política social porque não tem mais controle sobre sua moeda. Tem que estar sempre referendando sua moeda na moeda externa. Isso explica as dificuldades de ter uma política industrial autônoma. Isso explica as dificuldades de o governo ter uma política de distribuição de renda. Enfim, o governo Fernando Henrique, que parece um sucesso do ponto de vista de ter baixado a inflação, é um estrondoso fracasso do ponto de vista de ter uma política autônoma para o país, do ponto de vista de ter uma ou-

sada política social de reformas. É um governo conservador e desastroso. É um governo que tirou a esperança, que se apóia no mito da estabilidade, e toda estabilidade é, por definição, conservadora. Estamos vendo o estrago que isso está produzindo. Ainda hoje (08/04) um jornalista da *Folha de S. Paulo* chamava a atenção para duas coisas que são sintomáticas. De um lado, Leonardo Pareja (líder de uma rebelião em Goiás) é louvado como herói por um desembargador do Estado e, de outro lado, o ministro Adib Jatene, que cuida da Saúde, tenta invadir os programas de televisão para vencer a população e os políticos de

*O governo FHC,
que parece um sucesso
do ponto de vista de ter
baixado a inflação,
é um estrondoso fracasso
do ponto de vista de ter
uma política autônoma
para o país, de ter uma
ousada política social
de reformas.*

que necessita de recursos para a saúde. Esse é o estado do Estado brasileiro. Falido, sem capacidade de implementar nenhuma política e presa fácil de grupos econômicos, do assalto ao Estado e do assalto de bandidos pé-de-chinelo. Do pé-de-chinelo ao bandido do Sivam, o Estado brasileiro é uma presa fácil, inerte e sem capacidade de reagir. É mais, alardeia essa pompa e essa glória do Plano Real.

Adusp - No período mais culminante da polarização entre Lula e Fernando Henrique, durante a eleição de 94, uma parcela significativa da sociedade apoiava o sociólogo em detrimento do metalúrgico. Acredita-se que essa parcela da sociedade esperava muito mais do governo FHC. Por

que isso não está acontecendo?

Chico de Oliveira - Sociólogo na presidência não significa, necessariamente, nada melhor. Quando a pessoa vai à presidência ou entra na política ela passa a guiar-se pelas regras da política. O que acontece com o sociólogo Fernando Henrique na presidência, surpreendentemente, é que, como afirma, num artigo, a professora da Unicamp Maria Silva de Carvalho Franco, não há em Weber, o autor comumente citado para livrar responsabilidade do político, cisão entre a ética das responsabilidades e a ética das convicções. O político, diz-se, é aquele que tem a ética da responsabilidade. Ele tem apenas que ser responsável pela escolha que faz, enquanto o cientista tem a ética da convicção. Você é movido pela convicção. Ora, Maria Silva demonstra, lamentavelmente com uma linguagem meio hermética, que não há essa cisão em Weber. Portanto, todo político, mesmo aquele que assume responsabilidades, está obrigado por uma ética da convicção a preservar aquilo que deve ser feito para o bem público. Portanto, o sociólogo Fernando Henrique não podia nunca ter abdicado dos princípios que o guiavam enquanto sociólogo.

Adusp - Por que ele abdicou dessa condição?

Chico de Oliveira - Por razões que não são as da política em abstrato, são as da política em concreto, pelas alianças que fez, por ter passado a fazer parte dos grupos oligárquicos mais reacionários da política brasileira. Essa é a razão. Quando colocamos na disputa presidencial um sociólogo e um metalúrgico, fizemos isso nos termos mais tradicionais da discriminação de classe que o brasileiro faz. Servindo-nos da espécie de fundo atávico que temos dentro de nós, introjetado por séculos de es-

cravismo de que o pobre não presta porque é pobre, e do culto, da louvação àquele que domina, quando não era nada disso. O que estava em jogo eram dois projetos diferentes. Fernando Henrique não foi eleito porque tenha carisma popular; foi eleito porque tinha o Plano Real. Este deu um alívio momentâneo, reduziu a inflação e elegeu Fernando Henrique. Duvido que sem o plano ele tivesse sido eleito.

Adusp - Diante dos acordos firmados com Antônio Carlos Magalhães e Paulo Maluf, é possível dizer que Fernando Henrique é refém da antiga Arena?

Chico de Oliveira - Não, esse entendimento beneficia o presidente. Esse entendimento o absolve das responsabilidades. Na verdade, ele é o líder dessa poderosa coalizão. O líder não é o Maluf, não é o Antônio Carlos Magalhães, ou o PFL. O líder chama-se Fernando Henrique Cardoso. É ele quem move essa coalizão; é ele quem dá as diretrizes. Se você reparar, não há nenhum ministério importante entregue nem ao PFL, nem ao Maluf, nem a um outro partido. Todos os ministérios importantes são do PSDB. As diretrizes, a exemplo da privatização, que podem ser caracterizadas de neoliberais, saem do PSDB e não do PFL. Achar que Fernando Henrique é refém é um benefício que se faz a ele. Eu diria o contrário, o PFL é que é refém do senhor Fernando Henrique. Na verdade, ao aliar-se com esses personagens, esse tipo de força política, ele reitera nos bolsões mais miseráveis do Brasil a liderança fisiologista mais tacaña de um lado e o populismo mais miserável de outro. Há uma modernização conservadora, termo que um outro eminente cientista político criou, há muito tempo atrás. E ele faz parte dessa modernização conservadora.

Adusp - Quando se deu o rompimento e “o príncipe dos sociólogos”, como FHC era conhecido, passou a assumir essa liderança conservadora?

Chico de Oliveira - Não saberia localizá-lo precisamente. Agora, a ruptura entre o sociólogo e o político se dá quando ele entra na política, quando ele percebe que, na política brasileira, para lograr os postos e as funções, ou seja as ambições que os políticos têm, manter-se com as posições, propósitos e orientações que ele tinha enquanto sociólogo não levaria a lugar algum. Em outras palavras, um sociólogo marxista não entra na política para ter êxito e o Fernando Henrique queria ter

*Uma das coisas que mais se ensina em ciências sociais, em política, em sociologia, é exatamente que o Estado não é empresa (...)
No momento em que o Estado vira empresa, deixa de haver a necessidade de existir o Estado.*

êxito. Então, ele vai se desfazendo de suas convicções, de seus princípios, de suas orientações enquanto sociólogo e na política vira outra coisa.

Adusp - Como o senhor analisa a negociata implementada pelo governo para aprovar a reforma da previdência e barrar a CPI dos bancos?

Chico de Oliveira - Essa negociata faz parte da forma tradicional de se fazer política no Brasil. É uma coisa perversa porque se lança nos meios mais tradicionais, mais fisiológicos para fazer uma reforma que não é reforma; para uma reforma que, na verdade, lança ainda mais incertezas num grupo de trabalhadores. Basta ver que 50% dos trabalhadores brasileiros já não têm nenhuma cobertura social e

com essa reforma da previdência vai ser pior ainda. Reforma é uma coisa que no léxico antigo tinha um sentido progressista. Ao usurpar o léxico da reforma para a direita, comete-se uma usurpação revoltante. Isso não é reforma coisa nenhuma, é uma contra-reforma. É inacreditável que alguém faça uma reforma desse tipo. A reforma do Estado é conduzida como se o Estado fosse uma empresa. Pega-se um senhor que tem êxito na administração do grupo Pão de Açúcar e o transforma em ministro de Estado para fazer a reforma do Estado brasileiro, como se o Estado fosse uma empresa. Oras, uma das coisas que mais se ensina em ciências sociais, em política, em sociologia, é exatamente que o Estado não é empresa. Exatamente que entre Estado e sociedade existe uma atenção rica, com contradições, e que é preciso preservar essa atenção. No momento em que o Estado vira empresa, deixa de haver a necessidade de existir o Estado. Acontece que a necessidade, ou a realidade, é mais forte que as utopias perversas desses senhores e todas as vezes ela vai cobrar os seus direitos. Aí aparecem os roubos do Nacional, do Econômico etc.

Adusp - Para onde, então, vai o Brasil se o plano econômico é recessivo e as reformas não levarão a lugar algum?

Chico de Oliveira - Vamos voltar a ser uma sociedade de arquipélagos, cheia de ilhotas de ricos extravagantes, de empresas bem-sucedidas, mas sem integração. A economia brasileira há muito tempo foi concebida como um conjunto de arquipélagos. Cada uma se ligava a uma determinada demanda externa. O açúcar ficou no exterior, depois os metais nobres como o ouro, depois as peles, o cacau e também o café. Então, a economia brasileira descrita pelos grandes historiadores era uma economia de arquipélagos. A in-

dustrialização criou uma economia nacional integrada, onde a força de trabalho do Nordeste migrava para São Paulo e a indústria de São Paulo criava mercado nacional. Evidentemente que com desníveis, com miséria em alguns lugares, mas progresso em outros. Agora, vamos ter ilhas de novo. Ilhas de excelência, como eles gostam de dizer. Vamos ter a Renault no Paraná, por exemplo. Os marginais que a literatura sociológica achou que haviam sido integrados na sociedade, de alguma maneira, vão voltar a reaparecer. O Estado vai ficar cada vez mais impotente para lidar com a sua própria territorialidade, para controlar a violência privada. Está aí o exemplo de que já falei, do Leonardo Pareja, que lidera uma rebelião e sai pelas ruas como herói, sendo aplaudido. O resultado deste governo vai ser pior ainda do que o que estamos vivendo atualmente.

Adusp - As palavras-chave do governo FHC são desestatizar e enxugar o Estado. Como é que o senhor avalia esta questão?

Chico de Oliveira - Isso é uma bobagem. O Brasil sempre pega carona atrasado nas coisas que acontecem no mundo. Isso quer dizer que as economias mais desenvolvidas não conseguem dar resposta à questão social, que hoje é gravíssima, mas não tem essa adoração pelo neoliberalismo que o Brasil tem; essa coisa servil, essa coisa boba que nós vemos nos nossos ministros diariamente. Eles continuam com as mentes colonialistas. Não há possibilidade nenhuma no capitalismo contemporâneo de haver uma economia sem Estado. Isso é uma quimera, e como quimera é perversa. Vê-se, no mundo, que os Estados que renunciaram a utilizar instrumentos estatais para regular o mercado se saíram muito mal. De modo que isso é uma bobagem, uma besteira. Não tem história

econômica que sustente isso de jeito nenhum. A Alemanha, que é um grande país, modelo para muitas coisas, é o típico caso de país que entra na industrialização tardiamente e entra por força de uma poderosa ação estatal. É um caso clássico, estudado pela história econômica. O Japão é outro caso. Os tigres asiáticos são todos desse dia-pasão, o próprio Brasil é. Como é que, de repente, essa gente que estuda isso entra nessa?

Adusp - Por que entra?

Chico de Oliveira - Entra por interesse de classe, e não é preciso uma sociologia muito elaborada para expli-

Esse governo é profundamente hostil a todo grupo que se organiza.

Talvez, seja um de seus piores defeitos. A destituição de direitos que esse governo patrocina é um dos aspectos mais estúpidos, mais perversos, seguindo a linha do Collor.

car. Eles perderam a solidariedade com o assalariado, com os pobres, por interesse de classe. Se nós olharmos, todos eles já estão do outro lado há muito tempo. Não há nenhum governo tão classista quanto o que está sendo o de Fernando Henrique. Todos são constituídos por grandes empresários ou por grandes executivos. Isso, como Marx dizia há 150 anos, muda a cabeça das pessoas. É simples, parece banal, vulgar, mas é assim mesmo.

Adusp É a manutenção do status quo da elite brasileira?

Chico de Oliveira - É isso mesmo. A miséria não os afeta. Eles já viajam de helicóptero. Nem o estado das estradas afeta mais a eles. Você acha que o estado das estradas afeta al-

guém que vem a São Paulo em avião presidencial e depois segue para Ibiúna de helicóptero? É como a Catarina da Rússia, que mandava pintar os barcos de verde, vermelho, azul.

Adusp - Mas essa fantasia um dia vai ter que ter fim. Nesse momento, para a população, o melhor caminho é o da mobilização?

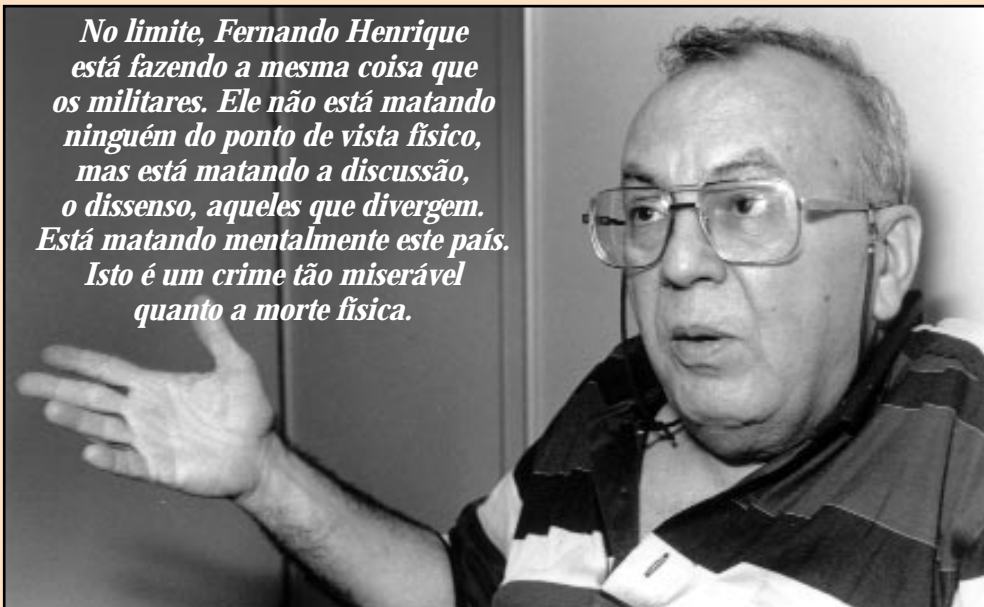
Chico de Oliveira - Essa é a grande questão. Quando a população se mobiliza, se organiza, dá um basta nisso tudo. Mas veja que esse governo é profundamente hostil a todo grupo que se organiza. Esse, talvez, seja um de seus piores defeitos. A destituição de direitos que esse governo patrocina é um dos aspectos mais estúpidos, mais perversos, seguindo a linha do Collor.

Adusp - Dá para o senhor citar alguns casos?

Chico de Oliveira - Na greve dos petroleiros o senhor Fernando Henrique usou o argumento de que era preciso fazer respeitar as decisões do Tribunal Superior do Trabalho. Agora, vetou uma lei que o Congresso fez anistiando os petroleiros para que as sedes dos seus sindicatos não sejam penhoradas. O argumento é de que assim ele prestigia a Justiça. Ocorre que ele não agiu assim quando vetou a lei que mandava cassar o senhor Humberto Lucena. Trata-se de destruir a organização dos trabalhadores. Esse é o objetivo dele. E ele sabe que a sociedade está desorganizada. Com a sociedade desorganizada é possível fazer programas como a Comunidade Solidária, onde se distribuem saquinhos de leite em pó e tudo o que não presta para dizer que estão matando a fome.

Adusp - O presidente sempre aparece na televisão dizendo que quem está contra o governo dele está contra o Brasil, contra a estabilização. Isso

No limite, Fernando Henrique está fazendo a mesma coisa que os militares. Ele não está matando ninguém do ponto de vista físico, mas está matando a discussão, o dissenso, aqueles que divergem. Está matando mentalmente este país. Isto é um crime tão miserável quanto a morte física.



demonstra um traço de autoritarismo até então desconhecido da personalidade dele, o senhor concorda?

Chico de Oliveira - Plenamente. Isso é uma das coisas que têm me surpreendido em relação ao sociólogo que eu conheci. Essa arrogância, essa prepotência não era um dado da personalidade dele que eu conhecesse. Isso para mim é novo, surpreendente e decepcionante.

Adusp - **Ele não admite oposição, não admite organização para debater as grandes questões nacionais.**

Chico de Oliveira - A mesma coisa que os militares diziam.

Adusp - **O senhor está associando o autoritarismo de Fernando Henrique ao dos militares que governaram o país recentemente?**

Chico de Oliveira - As pessoas eram torturadas, expulsas do país, levadas à morte porque não concordavam com o que os militares pensavam do país. No limite, o senhor Fernando Henrique está fazendo a mesma coisa. Ele não está matando do ponto de vista físico, mas está matando a discussão, o dissenso, aqueles que divergem. Está matando mentalmente este país. Isto é um crime tão miserável quanto a morte física.

Adusp - **Aparentemente a mídia já se deu conta disso. A Folha de S. Paulo vem atribuindo o adjetivo fisiológico ao governo dele e até o Jornal Nacional, em editorial, insinua leves críticas ao presidente. É possível que, para a mídia, aquele charme inicial de se ver um intelectual na presidência tenha acabado?**

Chico de Oliveira - Está acabando, inegavelmente, porque as pessoas perceberam que ele faz política como outro qualquer. Aquele charme de um sociólogo que dá resposta para tudo e, numa entrevista, fala três línguas, está acabando. Os jornalistas, que são facilmente encantáveis, estão percebendo que aquilo tudo que ele faz é jogo de cena, como qualquer político faz. Não sei se isso corresponde a uma passagem para uma discreta oposição ou se é apenas constatação mesmo. Por outro lado, penso que os jornais se deram conta de que é melhor tratá-lo igual aos outros do que destacá-lo como diferente. No momento em que a imprensa o tratava como um político não tradicional, acabava por imunizá-lo de qualquer ataque que ela viesse a fazer. Agora, talvez seja promissora-mente um começo de oposição discreta ao governo Fernando Henrique. Digo discreta porque não será nunca

oposição. Não imagino o *Estado de S. Paulo* ou a *Folha de S. Paulo* fazendo oposição, muito menos do ponto de vista partidário. Além do que, eles não correrão o risco de, pela segunda vez, ajudar a derrubar um presidente desse tipo. Toda a burguesia está muito atenta a isso, e é por isso que o Fernando Henrique se livrou do Sivam e da CPI dos bancos. Portanto, pensam: "Vamos tolerar o Fernando Henrique já reduzido à suas devidas proporções, tratando-o como um político

qualquer". Não passarão à oposição porque não têm motivos, ele não atingiu os interesses de nenhum jornal. Por mais que a *Folha* pense que tem o rabo preso com o leitor, ela tem, como o Gianotti disse, o rabo preso com o capital. E o Estadão ainda mais.

Adusp - **Até porque são empresas que visam o lucro e não apenas a difusão de informações.**

Chico de Oliveira - Claro, eles difundem informação porque é uma mercadoria. Agora, mesmo que seja uma oposição discreta, acho isso promissor em relação àquela adoração e deslumbramento dos primeiros meses de governo.

Adusp - **Quando é que esse governo vai parar de viver de fantasias, de purpurina, com as intermináveis viagens ao exterior, e cair na realidade brasileira, que precisa de soluções para graves problemas sociais, como saúde, educação e tantos outros?**

Chico de Oliveira - Isso só vai ocorrer realmente quando a sociedade se organizar. E é por isso que boa parte do trabalho perverso da mídia é descreditar as organizações. É por isso que a estratégia de Collor, assim como

a de Fernando Henrique, era desacreditar as organizações. A jogada de Fernando Henrique com o Vicentinho era desacreditar a CUT. E conseguiu. Não conseguindo jogar a CUT contra o PT, o governo logrou descaracterizar o Vicentinho. Ele entrou nessa de bobo alegre e sai descaracterizado como liderança séria. O trabalho do governo é dinamitar tudo o que a sociedade civil organizada puder construir. O governo não está preocupado com o equilíbrio entre os partidos que o apóiam e a oposição. Nunca esteve preocupado com essa questão.

Adusp - Mas isso não é reflexo da ilha da fantasia vivida pelo governo?

Chico de Oliveira - Não, isso é reflexo geral da vitória ideológica do capitalismo. Essa ilha da fantasia a que você se refere é geral. Todo mundo vive a fantasia de que nós estamos no plano de ida para o Primeiro Mundo e de que a história do miserável é uma derrota pessoal e não a nossa derrota. Isso está difundido na sociedade, e é por isso que a luta da oposição está cada vez mais difícil.

Adusp - O presidente não demonstra interesse em restabelecer o equilíbrio da oposição.

Chico de Oliveira - Ele se preocupa em fazer algumas jogadas florentinas, do tipo que Tancredo Neves fazia, para demonstrar aos adversários, que ele é daqueles políticos que encostam a espada e torcem. Os exemplos são a nomeação do Weffort para o Ministério da Cultura, como se o Weffort tivesse alguma importância dentro do PT, e depois a nomeação da Irma Passoni para uma assessoria no Ministério das Comunicações. Isso não desmoralizou o Partido dos Trabalhadores em nada. Quem saiu desmoralizado foi o Weffort e a Irma Passoni. Ela não conseguirá mais ne-

nhum voto, a exemplo de outros que abandonaram o barco. Portanto, Fernando Henrique está preocupado em tentar desmoralizar a oposição.

Adusp - Isso explica a apatia que se encontra o Partido dos Trabalhadores, neste momento?

Chico de Oliveira - Vejo que o PT está muito abandonado, não há dúvida. Mas é preciso levar em consideração que não se perdem duas oportunidades, como as de 89 e 94, sem um alto custo. O fato de que a oportunidade esteve muito próxima reflete-se psicologicamente de forma muito danosa; as pessoas começam a achar que não vale mais a pena. Esse comportamento pode ser notado na direção, nos militantes e nos próprios simpatizantes. Agora, há hoje uma dinâmica social conservadora, e isso torna a atuação de qualquer partido de oposição extremamente difícil. Na campanha presidencial de 94 o PT acertou no atacado, dizendo que o plano era recessivo, e é mesmo, e errou no varejo, porque a curto prazo isso não era perceptível. Fica difícil atacar algo que as pessoas acham que estão ganhando. Lutar contra essa ambiência social conservadora é uma tarefa extremamente complicada, e o partido ficou desarmado com isso. Por outro lado, toda mensagem do PT é de difícil aceitação porque é de reforma, e toda reforma mexe com as pessoas e com os interesses. O partido também não está revelando muito talento em mostrar como a saúde, a educação ou o transporte estão sendo degradados. Não consegue passar tudo isso para o simbólico. As pessoas precisam transportar a realidade do sapato furado para a cabeça. E isso o PT não está conseguindo junto à sociedade. Mesmo assim acho que a atual conjuntura está mais uma vez para o Partido dos Trabalhadores.

Adusp - Como a conjuntura pode estar para o PT, se ele está sem ação concreta?

Chico de Oliveira - Está para o PT, agora pode ser que o partido não esteja para ela. Se se olhar objetivamente, todas as coisas em que a crítica do PT é forte estão ocorrendo. Caso a Luiza Erundina não caia na besteira de federalizar a campanha em São Paulo, poderá passar na cara do Maluf tudo que ele não fez, pode mostrar tudo que se deteriorou no governo dele. Agora, se ela federalizar e levar a discussão para o Plano Real, está frita. É nesse sentido que digo que a conjuntura está, novamente, para o Partido dos Trabalhadores.

Adusp - Em 94, em artigo publicado na Folha de S. Paulo o senhor afirmava que o PSDB representava uma parcela moderna e progressista do Brasil e que o partido, ao estilo republicano, poderia administrar com seriedade. Após esse período de Fernando Henrique na presidência e as experiências do PSDB em vários governos estaduais, gostaria de saber se o senhor mantém essa frase ou faz reparos?

Chico de Oliveira - Faço reparo sim. Quando escrevi aquele artigo, o PSDB se armava como uma alternativa republicana, já que não era um partido socialista nem social-democrata, como o nome diz. Mais parecia, portanto, um partido republicano no estilo francês; um partido laico e sério no trato da coisa pública. Atualmente eu não reafirmaria isso. Ao fazer precocemente a aliança que fez, sem antes ter a oportunidade de maturar essas características iniciais, acho que ele corrompeu-se no sentido político do termo e no sentido moral também. Quer dizer, as características de laicidade perderam-se no governo Fernando Henrique e, portanto, o partido deixou de ter característica progressista e republicana. 